



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

*PAULO LEMINSKI*

*DISTRAÍDOS VENCEREMOS*

*2ª edição*

**editora brasiliense**

## TRANSMATERIA CONTRASENSO

Nas unidades de *Distraídos Venceremos* (1983-1987), resultado do impacto da poesia de *Caprichos e Relaxos* (1983) sobre a fina e grossa cútis da minha sensibilidade lírica, *calmes blocs ici-bas chus d'un désastre obscur*, cadeias de Markoff em direção a uma frase absoluta, arrisco crer ter atingido um horizonte longamente almejado: a abolição (não da realidade, evidentemente) da referência, através da rarefação.

Seria demais, certamente, supor que eu não precise mais da realidade.

Seria de menos, todavia, suspeitar sequer que a realidade, essa velha senhora, possa ser a verdadeira mãe destes dizeres tão calares.

*É quando a vida vasa.*

*É quando como quase.*

*Ou não, quem sabe.*

Curitiba, janeiro de 1987

## ÍNDICE, ÍCONE E SÍMBOLO

Distraídos venceremos .....	05
Ais ou menos .....	55
Kawa cauim .....	87

DISTRAÍDOS VENCEREMOS

# AVISO AOS NÁUFRAGOS

Esta página, por exemplo,  
não nasceu para ser lida.

Nasceu para ser pálida,  
um mero plágio da Ilíada,  
alguma coisa que cala,  
folha que volta pro galho,  
muito depois de caída.

Nasceu para ser praia,  
quem sabe Andrômeda, Antártida,  
Himalaia, sílaba sentida,  
nasceu para ser última  
a que não nasceu ainda.

Palavras trazidas de longe  
pelas águas do Nilo,  
um dia, esta página, papiro,  
vai ter que ser traduzida,  
para o símbolo, para o sânscrito,  
para todos os dialetos da Índia,  
vai ter que dizer bom-dia  
ao que só se diz ao pé do ouvido,  
vai ter que ser a brusca pedra  
onde alguém deixou cair o vidro.  
Mão é assim que é a vida?

# A LEI DO QUÃO

Deve ocorrer em breve  
uma brisa que leve  
um jeito de chuva  
à última branca de neve.

Até lá, observe-se  
a mais estrita disciplina.

A sombra máxima  
pode vir da luz mínima.

# MINIFESTO

ave a raiva desta noite  
a baita lasca fúria abrupta  
louca besta vaca solta  
ruiva luz que contra o dia  
tanto e tarde madrugastes

morra a calma desta tarde  
morra em ouro  
enfim, mais seda  
a morte, essa fraude,  
quando próspera

viva e morra sobretudo  
este dia, metal vil,  
surdo, cego e mudo,  
nele tudo foi e, se ser foi tudo,  
já nem tudo nem sei  
se vai saber a primavera  
ou se um dia saberei  
que nem eu saber nem ser nem era



Vim pelo caminho difícil,  
a linha que nunca termina,  
a linha bate na pedra,  
a palavra quebra uma esquina,  
mínima linha vazia,  
a linha, uma vida inteira,  
palavra, palavra minha.

# ADMINIMISTÉRIO

Quando o mistério chegar,  
já vai me encontrar dormindo,  
metade dando pro sábado,  
outra metade, domingo.

Não haja som nem silêncio,  
quando o mistério aumentar.

Silêncio é coisa sem senso,  
não cesso de observar.

Mistério, algo que, penso,  
mais tempo, menos lugar.

Quando o mistério voltar,  
meu sono esteja tão solto,  
nem haja susto no mundo  
que possa me sustentar.

Meia-noite, livro aberto.  
Mariposas e mosquitos  
pousam no texto incerto.  
Seria o branco da folha,  
luz que parece objeto?  
Quem sabe o cheiro do preto,  
que cai ali como um resto?  
Ou seria que os insetos  
descobriram parentesco  
com as letras do alfabeto?

# DISTÂNCIAS MÍNIMAS

um texto morcego

se guia por ecos

um texto texto cego

um eco anti anti anti antigo

um grito na parede rede rede

volta verde verde verde

com mim com com consigo

ouvir é ver se se se se se

ou se se me lhe te sigo?

# SAUDOSA AMNÉSIA

**a um amigo que perdeu a memória**

Memória é coisa recente.

Até ontem, quem lembrava?

A coisa veio antes,

ou, antes, foi a palavra?

Ao perder a lembrança,

grande coisa não se perde.

Nuvens, são sempre brancas.

O mar? Continua verde.

# ICEBERG

Uma poesia ártica,  
claro, é isso que desejo.

Uma prática pálida,  
três versos de gelo.

Uma frase-superfície  
onde vida-frase alguma  
não seja mais possível.

Frase, não. Nenhuma,

Uma lira nula,  
reduzida ao puro mínimo,  
um piscar do espírito,  
a única coisa única.

Mas falo. E, ao falar, provoco  
nuvens de equívocos

(ou exame de monólogos?).

Sim, inverno, estamos vivos.

# POR UM LINDÉSIMO DE SEGUNDO

tudo em mim  
anda a mil  
tudo assim  
tudo por um fio  
tudo feito  
tudo estivesse no cio  
tudo pisando macio  
tudo psiu

tudo em minha volta  
anda às tontas  
como se as coisas  
fossem todas  
afinal de contas

Transar bem todas as ondas  
a Papai do Céu pertence,  
fazer as luas redondas  
ou me nascer paranaense.

A nós, gente, só foi dada  
essa maldita capacidade,  
transformar amor em nada.

# PASSE A EXPRESSÃO

Esses tais artefatos  
que diriam minha angústia,  
tem umas que vêm fácil,  
tem muitas que me custa.

Tem horas que é caco de vidro,  
meses que é feito um grito,  
tem horas que eu nem duvido,  
tem dias que eu acredito.

Então seremos todos gênios  
quando as privadas do mundo  
vomitarem de volta  
todos os papéis higiênicos.



# O MÍNIMO DO MÁXIMO

Tempo lento,  
espaço rápido,  
quanto mais penso,  
menos capto.

Se não pego isso  
que me passa no íntimo,  
importa muito?

Rapto o ritmo.

Espaçotempo ávido,  
lento espaçodentro,  
quando me aproximo,  
simplesmente me desfaço,  
apenas o mínimo  
em matéria de máximo.

## SIGNO ASCENDENTE

Nem todo espelho  
reflita este hieroglifo.

Nem todo olho  
decifre esse ideograma.

Se tudo existe  
para acabar num livro,  
se tudo enigma  
a alma de quem ama!

# ALÉM ALMA

## (UMA GRAMA DEPOIS)

Meu coração lá de longe  
faz sinal que quer voltar.

Já no peito trago em bronze:  
NÃO TEM VAGA NEM LUGAR.

Pra que me serve um negócio  
que não cessa de bater?

Mais me parece um relógio  
que acaba de enlouquecer.

Pra que é que eu quero quem chora,  
se estou tão bem assim,

e o vazio que vai lá fora  
cai macio dentro de mim?

# PLENA PAUSA

Lugar onde se faz  
o que já foi feito,  
branco da página,  
soma de todos os textos,  
foi-se o tempo  
quando, escrevendo,  
era preciso  
uma folha isenta.

Nenhuma página  
jamais foi limpa.  
Mesmo a mais Saara,  
ártica, significa.  
Nunca houve isso,  
uma página em branco.  
No fundo, todas gritam,  
pálidas de tanto.

# MERDA E OURO

Merda é veneno.

No entanto, não há nada  
que seja mais bonito  
que uma bela cagada.

Cagam ricos, cagam padres,  
cagam reis e cagam fadas.

Não há merda que se compare  
a bosta da pessoa amada.

# O PAR QUE ME PARECE

Pesa dentro de mim  
o idioma que não fiz,  
aquela língua sem fim  
feita de ais e de aquis.

Era uma língua bonita,  
música, mais que palavra,  
alguma coisa de hitita,  
praia do mar de Java.

Um idioma perfeito,  
quase não tinha objeto.

Pronomes do caso reto,  
nunca acabavam sujeitos.

Tudo era seu múltiplo,  
verbo, triplo, prolixo.

Gritos eram os únicos,  
o resto, ia pro lixo.

Dois leos em cada pardo,  
dois saltos em cada pulo,  
eu que só via a metade,  
silêncio, está tudo duplo.

# ARTE DO CHÁ

ainda ontem  
convidei um amigo  
para ficar em silêncio  
comigo

ele veio  
meio a esmo  
praticamente não disse nada  
e ficou por isso mesmo

# PROEMA

Não há verso,  
tudo é prosa,  
passos de luz  
num espelho,  
verso, ilusão  
de ótica,  
verde,  
o sinal vermelho.

Coisa  
feita de brisa,  
de mágoa  
e de calmaria,  
dentro  
de um tal poema,  
qual poesia  
pousaria?



Eu, hoje, acordei mais cedo  
e, azul, tive uma idéia clara.

Só existe um segredo.  
Tudo está na cara.

# DESENCONTRÁRIOS

Mandei a palavra rimar,  
ela não me obedeceu.

Falou em mar, em céu, em rosa,  
em grego, em silêncio, em prosa.

Parecia fora de si,  
a sílaba silenciosa.

Mandei a frase sonhar,  
e ela se foi num labirinto.

Fazer poesia, eu sinto, apenas isso.  
Dar ordens a um exército,  
para conquistar um império extinto.

# O QUE QUER DIZER

**para Haroldo de Campos  
translator maximus**

O que quer dizer, diz.

Não fica fazendo

o que, um dia, eu sempre fiz.

Não fica só querendo, querendo,

coisa que eu nunca quis.

O que quer dizer, diz.

Só se dizendo num outro

o que, um dia, se disse,

um dia, vai ser feliz.

# UM METRO DE GRITO (MÁQUINAS LÍQUIDAS)

Leiam-se índices,  
mil olhos de lince,  
entre meus filmes,  
leonardos da vinci.  
Abri-vos, arcas, arquivos,  
súmulas de equívocos,  
fechados,  
para que servem os livros?

Livros de vidro,  
discos, issos, aquilos,  
coisas que eu vendo a metro,  
eles me compram aos quilos.  
Líquidas lâminas,  
linhas paralelas,  
quanto me dão  
por minhas idéias?

sorte no jogo  
azar no amor  
de que me serve  
sorte no amor  
se o amor é um jogo  
e o jogo não é meu forte,  
meu amor?

# CLARO CALAR SOBRE UMA CIDADE SEM RUÍNAS (RUINOGRAMAS)

Em Brasília, admirei.  
Não a niemeyer lei,  
a vida das pessoas  
penetrando nos esquemas  
como a tinta sangue  
no mata borrão,  
crescendo o vermelho gente,  
entre pedra e pedra,  
pela terra a dentro.

Em Brasília, admirei.  
O pequeno restaurante clandestino,  
criminoso por estar  
fora da quadra permitida.  
Sim, Brasília.  
Admirei o tempo  
que já cobre de anos  
tuas impecáveis matemáticas.

Adeus, Cidade.  
O erro, claro, não a lei.  
Muito me admirastes,  
muito te admirei.

Carrego o peso da lua,  
Três paixões mal curadas,  
Um saara de páginas,  
Essa infinita madrugada.

Viver de noite  
Me fez senhor do fogo.  
A vocês, eu deixo o sono.  
O sonho, não.  
Esse, eu mesmo carrego.

# NOMES A MENOS

Nome mais nome igual a nome,  
uns nomes menos, uns nomes mais.

Menos é mais ou menos,  
nem todos os nomes são iguais.

Uma coisa é a coisa, par ou ímpar,  
outra coisa é o nome, par e par,  
retrato da coisa quando límpida,  
coisa que as coisas deixam ao passar.

Nome de bicho, nome de mês, nome de estrela,  
nome dos meus amores, nomes animais,  
a soma de todos os nomes,  
nunca vai dar uma coisa, nunca mais.

Cidades passam. Só os nomes vão ficar.  
Que coisa dói dentro do nome  
que não tem nome que conte  
nem coisa pra se contar?



# VOLTA EM ABERTO

Ambígua volta  
em torno da ambígua ida,  
quantas ambiguidades  
se pode cometer na vida?

Quem parte leva um jeito  
de quem traz a alma torta.

Quem bate mais na porta?  
Quem parte ou quem torna?

# O NÁUFRAGO NÁUGRAFO

a letra A a  
funda no A  
atlântico  
e pacífico com  
templo a luta  
entre a rápida letra  
e o oceano  
lento

assim  
fundo e me afundo  
de todos os naufrago  
o naugráfo  
o naufrago  
mais  
profundo

# BEM NO FUNDO

no fundo, no fundo,  
bem lá no fundo,  
a gente gostaria  
de ver nossos problemas  
resolvidos por decreto

a partir desta data,  
aquela mágoa sem remédio  
é considerada nula  
e sobre ela — silêncio perpétuo

extinto por lei todo o remorso,  
maldito seja quem olhar pra trás,  
lá pra trás não há nada,  
e nada mais

mas problemas não se resolvem,  
problemas têm família grande,  
e aos domingos saem todos passear  
o problema, sua senhora  
e outros pequenos probleminhas

# SEM BUDISMO

Poema que é bom  
acaba zero a zero.  
Acaba com.  
Não como eu quero.  
Começa sem.  
Com, digamos, certo verso,  
veneno de letra,  
bolero. Ou menos.  
Tira daqui, bota dali,  
um lugar, não caminho.  
Prossegue de si.  
Seguro morreu de velho,  
e sozinho.

o amor, esse sufoco,  
agora há pouco era muito,  
agora, apenas um sopro

ah, troço de louco,  
corações trocando rosas,  
e socos

# O HÓSPEDE DESPERCEBIDO

Deixei alguém nesta sala  
que muito se distinguia  
de alguém que ninguém se chamava,  
quando eu desaparecia.

Comigo se assemelhava,  
mas só na superfície.

Bem lá no fundo, eu, palavra,  
não passava de um pastiche.

Uns restos, uns traços, um dia,  
meus tios, minhas mães e meus pais  
me chamarem de volta pra dentro,  
eu ainda não volte jamais.

Mas ali, logo ali, nesse espaço,  
lá se vai, exemplo de mim,  
algo, alguém, mil pedaços,  
meio início, meio a meio, sem fim.

# AÇO EM FLOR

**para Koji Sakaguchi,  
portal amigo entre o  
Japão e o Brasil**

Quem nunca viu  
que a flor, a faca e a fera  
tanto fez como tanto faz,  
e a forte flor que a faca faz  
na fraca carne,  
um pouco menos, um pouco mais,  
quem nunca viu  
a ternura que vai  
no fio da lâmina samurai,  
esse, nunca vai ser capaz.

# A LUA NO CINEMA

A lua foi ao cinema,  
passava um filme engraçado,  
a história de uma estrela  
que não tinha namorado.

Não tinha porque era apenas  
uma estrela bem pequena,  
dessas que, quando apagam,  
ninguém vai dizer, que pena!

Era uma estrela sozinha,  
ninguém olhava pra ela,  
e toda a luz que ela tinha  
cabia numa janela.

A lua ficou tão triste  
com aquela história de amor,  
que até hoje a lua insiste:  
— Amanheça, por favor!



# ANCH'IO SON PITTORE

fra angélico  
quando pintava  
uma madona col bambino  
se ajoelhava e rezava  
como se fosse um menino

orava diante da obra  
como se fosse pecado  
pintar aquela senhora  
sem estar ajoelhado

orava como se a obra  
fosse de deus não do homem

podem ficar com a realidade  
esse baixo astral  
em que tudo entra pelo cano

eu quero viver de verdade  
eu fico com o cinema americano

# LITOGRAVURA

Mão de estátua.

Templo. Coluna. Arco de triunfo.

Mil duzentos e cinquenta.

Qualquer pedra na Europa

é suspeita de ser

mais do que aparenta.

Felizes as pedras da minha terra

que nunca foram senão pedras.

Pedras, a lua esfria

e o sol esquenta.

# RIMAS DA MODA

1930

amor

dor

1960

homem

come

fome

1980

ama

cama

eu ontem tive a impressão  
que deus quis falar comigo  
não lhe dei ouvidos

quem sou eu para falar com deus?  
ele que cuide dos seus assuntos  
eu cuido dos meus

# 300.000 KMS POR SEGUNDO

De que música gostam  
os pernilongos?

De Schubert, de Wagner,  
de Debussy?

Não gostam de nada,  
a julgar por este aqui.

Apenas um solo de silêncio,  
isso sim,  
eu ouvi.

# PARADA CARDÍACA

Essa minha secura  
essa falta de sentimento  
não tem ninguém que segure  
vem de dentro

Vem da zona escura  
donde vem o que sinto  
sinto muito  
sentir é muito lento

como se eu fosse júlio plaza

prazer  
da pura percepção  
os sentidos  
sejam a crítica  
da razão



## SORTES E CORTES

a linha clara    a tesoura traça    na folha branca  
separa a folha    a folha    da forma    a forma  
um diabo    habita    o branco    do olho    da página  
claro    oculto    entre    as claridades  
o vazio passa    e deixa    uma saudade

# IMPRECISA PREMISA

(quantas curitibas cabem numa só Curitiba?)

Cidades pequenas,  
como dói esse silêncio,  
cantilenas, ladainhas,  
tudo aquilo que nem penso,  
esse excesso  
que me faz ver todo o senso,  
imprecisa premissa,  
definitiva preguiça  
com que sobe, indeciso,  
o mais ou menos do incenso.  
Vila de Nossa Senhora  
da Luz dos Pinhais,  
tende piedade de nós.

# HARD FEELINGS

**(a riddle for Martha)**

Oceans,  
emotions,  
ships, ships,  
and other relationships,  
keep us going  
through the fog  
and wandering mist

What is it  
that I missed?

## SUJEITO INDIRETO

Quem dera eu achasse um jeito  
de fazer tudo perfeito,

feito a coisa fosse o projeto  
e tudo já nascesse satisfeito.

Quem dera eu visse o outro lado,  
o lado de lá, lado meio,

onde o triângulo é quadrado  
e o torto parece direito.

Quem dera um angulo reto.  
Já começo a ficar cheio

de não saber quando eu falto,  
de ser, mim, indireto sujeito.

para que leda me leia  
precisa papel de seda  
precisa pedra e areia  
para que leia me leda

precisa lenda e certeza  
precisa ser e sereia  
para que apenas me veja

pena que seja leda  
quem quer você que me leia

Esse poema já foi musicado duas vezes. Uma por Moraes Moreira, outra por Itamar Assumpção. Que tal você?

# PAREÇA E DESAPAREÇA

Parece que foi ontem.  
Tudo parecia alguma coisa.  
O dia parecia noite.  
E o vinho parecia rosas.  
Até parece mentira,  
tudo parecia alguma coisa.  
O tempo parecia pouco,  
e a gente se parecia muito.  
A dor, sobretudo,  
parecia prazer.  
Parecer era tudo  
que as coisas sabiam fazer.  
O próximo, eu mesmo.  
Tão fácil ser semelhante,  
quando eu tinha um espelho  
pra me servir de exemplo.  
Mas vice versa e vide a vida.  
Nada se parece com nada.  
A fita não coincide  
Com a tragédia encenada.  
Parece que foi ontem.  
O resto, as próprias coisas contem.

AIS OU MENOS

# AIS OU MENOS

(oração pela descrença)

Senhor,  
peço poderes sobre o sono,  
esse sol em que me ponho  
a sofrer meus ais ou menos,  
sombra, quem sabe, dentro de um sonho.

Quero forças para o salto  
do abismo onde me encontro  
ao hiato onde me falto.  
Por dentro de mim, a pedra,  
e, aos pés da pedra,  
essa sombra, pedra que se esfalfa.

Pedra, letra, estrela à solta,  
sim, quero viver sem fé,  
levar a vida que falta  
sem nunca saber quem é.



# VOLÁTEIS

Anos andando no mato,  
nunca vi um passarinho morto,  
como vi um passarinho nato.

Onde acabam esses vôos?  
Dissolvem-se no ar, na brisa, no ato?  
São solúveis em água ou em vinho?

Quem sabe, uma doença dos olhos.  
Ou serão eternos os passarinhos?

## COMO PODE?

Soa estranho, esta manhã,  
tudo o que sempre foi meu, como pode?

Como pode que esse som lá fora,  
os sons da vida, a voz de todo dia,  
pareça ficção científica?

Como pode que esta palavra,  
que já vi mil vezes e mil vezes disse,  
não signifique mais nada,  
a não ser que o dia, a noite, a madrugada,  
a não ser que tudo não é nada disso?

Pode que eu já não seja mais o mesmo.  
Pode a luz, pode ser, pode céu e pode quanto.  
Pode tudo o que puder poder.  
Só não pode ser tanto.

Marginal é quem escreve à margem,  
deixando branca a página  
para que a paisagem passe  
e deixe tudo claro à sua passagem.

Marginal, escrever na entrelinha,  
sem nunca saber direito  
quem veio primeiro,  
o ovo ou a galinha.

# ROSA RILKE RAIMUNDO CORREIA

Uma pálpebra,  
mais uma, mais outras,  
enfim, dezenas  
de pálpebras sobre pálpebras  
tentando fazer  
das minhas trevas  
alguma coisa a mais  
que lágrimas

# TRÊS METADES

Meio dia,  
um dia e meio,  
meio dia, meio noite,  
metade deste poema  
não sai na fotografia,  
metade, metade foi-se.

Mas eis que a terça metade,  
aquela que é menos dose  
de matemática verdade  
do que soco, tiro, ou coice,  
vai e vem como coisa  
de ou, de nem, ou de quase.

Como se a gente tivesse  
metades que não combinam,  
três partes, destempestades,  
três vezes ou vezes três,  
como se quase, existindo,  
só nos faltasse o talvez.

impuro espírito  
raro respiro  
o ar que aqui tenta  
arquiteto  
um vago vôo  
vampiro

ai daqueles  
que se amaram sem nenhuma briga  
aqueles que deixaram  
que a mágoa nova  
virasse a chaga antiga

ai daqueles que se amaram  
sem saber que amar é pão feito em casa  
e que a pedra só não voa  
porque não quer  
não porque não tem asa

# O ATRASO PONTUAL

Ontens e hojes, amores e ódio,  
adianta consultar o relógio?

Nada poderia ter sido feito,  
a não ser no tempo em que foi lógico.

Ninguém nunca chegou atrasado.

Bênçãos e desgraças

vêm sempre no horário.

Tudo o mais é plágio.

Acaso é este encontro  
entre o tempo e o espaço

mais do que um sonho que eu conto  
ou mais um poema que eu faço?



Nem tudo envelhece.  
O brilho púrpura,  
sob a água pura,  
ah, se eu pudesse.

Nem tudo,  
sentir fica.  
Fica como fica a magnólia,  
magnífica.

## SEGUNDO CONSTA

O mundo acabando,  
podem ficar tranquilos.

Acaba voltando  
tudo aquilo.

Reconstruam tudo  
segundo a planta dos meus versos.

Vento, eu disse como.  
Nuvem, eu disse quando.

Sol, casa, rua,  
reinos, ruínas, anos,  
disse como éramos.

Amor, eu disse como.  
E como era mesmo?

peguei as cinco estrelas  
do céu uma a uma  
elas estrelas não vieram  
mas na minha mão  
todas elas  
ainda me perfuma

# ASAS E AZARES

Voar com asa ferida?  
Abram alas quando eu falo.  
Que mais foi que fiz na vida?  
Fiz, pequeno, quando o tempo  
estava todo do meu lado  
e o que se chama passado,  
passatempo, pesadelo,  
só me existia nos livros.  
Fiz, depois, dono de mim,  
quando tive que escolher  
entre um abismo, o começo,  
e essa história sem fim.  
Asa ferida, asa  
ferida,  
meu espaço, meu herói.  
A asa arde. Voar, isso não dói.

# RAZÃO DE SER

Escrevo. E pronto.  
Escrevo porque preciso,  
preciso porque estou tonto.  
Ninguém tem nada com isso.  
Escrevo porque amanhece,  
e as estrelas lá no céu  
lembram letras no papel,  
quando o poema me anoitece.  
A aranha tece teias.  
O peixe beija e morde o que vê.  
Eu escrevo apenas.  
Tem que ter por quê?

# DESAPARECENÇA

Nada com nada se assemelha.  
Qual seria a diferença  
entre o fogo do meu sangue  
e esta rosa vermelha?

Cada coisa com seu peso,  
cada quilômetro, seu quilo.

De que é que adianta dizê-lo,  
isto, sim, é como aquilo?

Tudo o mais que acontece,  
nunca antes sucedeu.

E mesmo que sucedesse,  
acontece que esqueceu.

Coisas não são parecidas,  
nenhum paralelo possível.

Estamos todos sozinhos.  
Eu estou, tu estás, eu estive.

# IMPASSE

Parece coisa da pedra,  
alguma pedra preciosa,  
vidro capaz de treva,  
névoa capaz de prosa.

Pela pele, é lírio,  
aquela pura delícia.

Mas, por ela, a vida,  
a mancha horrível, desliza.

# DIVERSONAGENS SUSPERSAS

Meu verso, temo, vem do berço.  
Não versejo porque eu quero,  
    versejo quando converso  
e converso por conversar.

Pra que sirvo senão pra isto,  
pra ser vinte e pra ser visto,  
    pra ser versa e pra ser vice,  
pra ser a super-superfície  
    onde o verbo vem ser mais?

Não sirvo pra observar.  
Verso, persevero e conservo  
    um susto de quem se perde  
no exato lugar onde está.

Onde estará meu verso?  
Em algum lugar de um lugar,  
    onde o avesso do inverso  
começa a ver e ficar.

Por mais prosas que eu perverta,  
não permita Deus que eu perca  
    meu jeito de versejar.



# NARÁJOW

Uma mosca pouse no mapa  
e me pouse em Narájow,  
a aldeia donde veio  
o pai do meu pai,  
o que veio fazer a América,  
o que vai fazer o contrário,  
a Polônia na memória,  
o Atlântico na frente,  
o Vístula na veia.

Que sabe a mosca da ferida  
que a distância faz na carne viva,  
quando um navio sai do porto  
jogando a última partida?

Onde andou esse mapa  
que só agora estende a palma  
para receber essa mosca,  
que nele cai, matemática?

# PERGUNTE AO PÓ

    cresce a vida  
cresce o tempo  
    cresce tudo  
e vira sempre  
    esse momento

    cresce o ponto  
bem no meio  
    do amor seu centro  
assim como  
    o que a gente sente  
e não diz  
    cresce dentro

## V, DE VIAGEM

Viajar me deixa  
a alma rasa,  
perto de tudo,  
longe de casa.

Em casa, estava a vida,  
aquela que, na viagem,  
viajava, bela  
e adormecida.

A vida viajava  
mas não viajava eu,  
que toda viagem  
é feita só de partida.

# LER PELO NÃO

Ler pelo não, quem dera!  
Em cada ausência, sentir o cheiro forte  
do corpo que se foi,  
a coisa que se espera.

Ler pelo não, além da letra,  
ver, em cada rima vera, a prima pedra,  
onde a forma perdida  
procura seus etcéteras.

Desler, tresler, contraler,  
enlear-se nos ritmos da matéria,  
no fora, ver o dentro e, no dentro, o fora,  
navegar em direção às Índias  
e descobrir a América.

Adeus, coisas que nunca tive,  
dívidas externas, vaidades terrenas,  
lupas de detetive, adeus.  
Adeus, plenitudes inesperadas,  
sustos, ímpetos e espetáculos, adeus.  
Adeus, que lá se vão meus ais.  
Um dia, quem sabe, sejam seus,  
como um dia foram dos meus pais.  
Adeus, mamãe, adeus, papai, adeus,  
adeus, meus filhos, quem sabe um dia  
todos os filhos serão meus.  
Adeus, mundo cruel, fábula de papel,  
sopro de vento, torre de babel,  
adeus, coisas ao léu, adeus.

# ÚLTIMO AVISO

caso alguma coisa me acontecer,  
informem a família,  
foi assim, assim tinha que ser

tinha que ser dor e dor  
esse processo de crescer

tinha que vir dobrado  
esse medo de não ser

tinha que ser mistério  
esse meu modo de desaparecer

um poema, por exemplo,  
caso alguma coisa me suceder,  
vá que seja um indício

quem sabe ainda não acabei de escrever

# DESPROPÓSITO GERAL

Esse estranho hábito,  
escrever obras-primas,  
não me veio rápido.

Custou-me rimas.

Umas, paguei caro,  
liras, vidas, preços máximos.

Umas, foi fácil.

Outras, nem falo.

Me lembro duma  
que desfiz a socos.

Duas, em suma.

Bati mais um pouco.

Esse estranho abuso,  
adquiri, faz séculos.

Aos outros, as músicas.

Eu, senhor, sou todo ecos.

# M, DE MEMÓRIA

Os livros sabem de cor  
milhares de poemas.

Que memória!

Lembrar, assim, vale a pena.

Vale a pena o desperdício,  
Ulisses voltou de Tróia,  
assim como Dante disse,  
o céu não vale uma história.

Um dia, o diabo veio  
seduzir um doutor Fausto.

Byron era verdadeiro.  
Fernando, pessoa, era falso.

Mallarmé era tão pálido,  
mais parecia uma página.

Rimbaud se mandou pra África,  
Hemingway de miragens.

Os livros sabem de tudo.  
Já sabem deste dilema.

Só não sabem que, no fundo,  
ler não passa de uma lenda.



# ATÉ MAIS

Até tu, matéria bruta,  
até tu, madeira, massa e músculo,  
vodka, fígado e soluço,  
luz de vela, papel, carvão e nuvem,  
pedra, carne de abacate, água de chuva,  
unha, montanha, ferro em brasa,  
até vocês sentem saudade,  
queimadura de primeiro grau,  
vontade de voltar pra casa?

Argila, esponja, mármore, borracha,  
cimento, aço, vidro, vapor, pano e cartilagem,  
tinta, cinza, casca de ovo, grão de areia,  
primeiro dia de outono, a palavra primavera,  
número cinco, o tapa na cara, a rima rica,  
a vida nova, a idade média, a força velha,  
até tu, minha cara matéria,  
lembra quando a gente era apenas uma idéia?

# INCENSO FOSSE MÚSICA

isso de querer  
ser exatamente aquilo  
que a gente é  
ainda vai  
nos levar além

gardênias e hortênsias  
não façam nada  
que me lembre  
que a este mundo eu pertença

deixem-me pensar  
que tudo não passa  
de uma terrível coincidência

À glória sucede  
o que sucede a água:  
por mais água que beba,  
qual lhe sacia a sede?  
Diverso o sucesso,  
basta-lhe um verso  
para essa desgraça  
que se chama dar certo.

# OBJETO SUJEITO

você nunca vai saber  
quanto custa uma saudade  
o peso agudo no peito  
de carregar uma cidade  
pelo lado de dentro  
como fazer de um verso  
um objeto sujeito  
como passar do presente  
para o pretérito perfeito  
nunca saber direito

você nunca vai saber  
o que vem depois de sábado  
quem sabe um século  
muito mais lindo e mais sábio  
quem sabe apenas  
mais um domingo

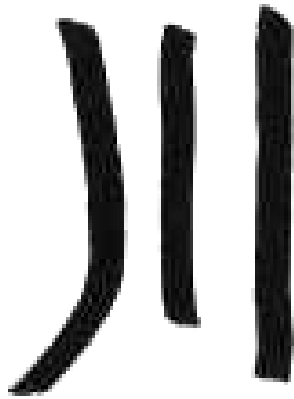
você nunca vai saber  
e isso é sabedoria  
nada que valha a pena  
a passagem pra pasárgada  
xanadu ou shangrilá  
quem sabe a chave  
de um poema  
e olha lá

## POESIA:1970

Tudo o que eu faço  
alguém em mim que eu desprezo  
sempre acha o máximo.

Mal rabisco,  
não dá mais pra mudar nada.  
Já é um clássico.

**KAWA CAUIM**  
desarranjos florais



KAWA

O ideograma de *kawa*, "rio", em japonês, pictograma de um fluxo de água corrente, sempre me pareceu representar (na vertical) o esquema do haikai, o sangue dos três versos escorrendo na parede da página...



# HAI

Eis que nasce completo  
e, ao morrer, morre germe,  
o desejo, analfabeto,  
de saber como reger-me,  
ah, saber como me ajeito  
para que eu seja quem fui,  
eis o que nasce perfeito  
e, ao crescer, diminui.

# KAI

Mínimo templo  
para um deus pequeno,  
aqui vos guarda,  
em vez da dor que peno,  
meu extremo anjo de vanguarda.

De que máscara  
se gaba sua lástima,  
de que vaga  
se vangloria sua história,  
saiba quem saiba.

A mim me basta  
a sombra que se deixa,  
o corpo que se afasta.

# DESARRANJOS FLORAIS

amei em cheio

meio amei-o

meio não amei-o

pelos caminhos que ando  
um dia vai ser  
só não sei quando

meiodia três cores  
eu disse vento  
e caíram todas as flores

abrindo um antigo caderno  
foi que eu descobri  
antigamente eu era eterno

o mar o azul o sábado  
liguei pro céu  
mas dava sempre ocupado



enfim,  
nu,  
como vim

viu-me,  
e passou,  
como um filme

era uma vez

o sol nascente

me fecha os olhos

até eu virar japonês

noite sem sono  
o cachorro late  
um sonho sem dono

rio do mistério  
que seria de mim  
se me levassem a sério?

choveu  
na carta que você mandou

quem mandou?



entre os garotos de bicicleta  
o primeiro vagalume  
de mil novecentos e oitenta e sete



sombras  
derrubam  
sombras  
quando a treva  
está madura

sombras  
o vento leva  
sombra  
nenhuma  
dura

primeiro frio do ano  
fui feliz  
se não me engano

retrato de lado  
retrato de frente  
de mim me faça  
ficar diferente

na torre da igreja  
o passarinho pausa  
pousa assim feito pousasse  
o efeito na causa

entre  
a água  
e o chá  
desab  
rocha  
o maracujá

ano novo  
anos buscando  
um ânimo novo

alvorada  
alvorço  
troco minha alma  
por um almoço

temporal

fazia tempo

que eu não me sentia

tão sentimental



cortinas de seda  
o vento entra  
sem pedir licença

lua a vista  
brilhavas assim  
sobre auschwitz?

hoje à noite  
lua alta  
faltei  
e ninguém sentiu  
a minha falta

tudo dito,  
nada feito,  
fito e deito

tarde de vento  
até as árvores  
querem vir para dentro

tudo claro  
ainda não era o dia  
era apenas o raio

1

---

<sup>1</sup> Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.  
Se quiser outros títulos nos procure [http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros), será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



## Sobre o Autor

*Paulo Leminski Filho*, nascido em Curitiba, Paraná, em 1944 (34 de agosto, Virgo). Mestiço de polaca com negro, sempre viveu no Paraná (infância no interior de Santa Catarina).

*Publicou*: Catatau (prosa experimental;, em 1976, Curitiba, ed. do autor. Não Fosse Isso e Era Menos / Não Fosse Tanto e Era Quase e Polonaise (poemas, 1980, Curitiba, ed. do autor). *Publicou poemas, com fotos de Jaque Pires, no álbum* Quarenta Cliques, Curitiba, 1979, ed. Etcetera.

*Ex-professor de História e Redação em cursos pré-vestibulares, foi diretor de criação e redator de publicidade, colaborou no "Folhetim" da Folha de 8. Paulo, resenhou livros de poesia na Veja.*

Poemas e *textos publicados* em inúmeros *órgãos* (Corpo Estranho, Muda, Código, Raposa, etc.) de Curitiba, São Paulo, Rio e Bahia.

*Teve seus primeiros poemas publicados na revista Invenção, em 1964, então, porta-voz da poesia concreta paulista.*

*Faixa-preta e professor de judô, viveu em Curitiba com a poeta Alice Ruiz, com a qual teve duas filhas.*

*Foram publicados pela Brasiliense: Cruz e Souza (Encanto Radical), 1983; Caprichos e Relaxos (Cantadas Literárias), 1983; Matsuó Bashô (Encanto Radical), 1983; Jesus a.C. (Encanto Radical), 1984; Agora é que são elas (Circo de Letras), 1984; Leon Trotski — A paixão segundo a revolução, 1986; todos de*

*sua autoria. Além das traduções de Folhas das folhas da relva, de Whitman, 1983; Supermacho, de Alfred Jarry, 1986; Satyricom, de Petrônio, 1985; Sol e Aço, de Mishima, 1985 e Malone Morre, de Samuel Beckett, 1986. Pela Criar Edições, o livro Anseios Crípticos, 1986 a pela Scipione. Guerra dentro da gente (infanto-juvenil), além de muitos textos dispersos.*

*Paulo Leminski morreu no dia 7 de junho de 1989.*



[http://groups.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros)

<http://groups.google.com/group/digitalsource>